

O ofício do historiador, segundo João de Barros: considerações sobre o prólogo da terceira década de *Ásia*

Douglas Pereira Costa
Prof. Dr. Flávio Antônio Fernandes Reis

RESUMO

O objetivo da pesquisa é o estudo e a análise do prólogo da “Terceira Década” *de Ásia*, obra que trata da expansão portuguesa no século XVI, composta pelo historiador português João de Barros (1496-1570). Publicada em 1563, esta obra trata das ações expansionistas dos portugueses na chamada conquista do Oriente. Na perspectiva das letras quinhentistas, trata-se de uma das obras mais celebradas da prosa em língua portuguesa, seja pela diversidade das matéria que trata, seja pela necessidade de descrever e compor caracteres. Com isso, selecionamos o prólogo da obra com o fim de analisar os fundamentos da escrita histórica de João de Barros, evidenciando os procedimentos e os interesses de uma prática historiográfica quinhentista.

Palavras-chave: Humanismo; João de Barros; Historiografia; Descobrimento; Expansão.

ABSTRACT

The objective of the research is to analyze the prologue of the third Asian Decade, a work written by the Portuguese humanist João de Barros (1496-1570). Published in 1563, this work deals with the historical role played by the Portuguese in the discovery and conquest of the East, being considered a true monument of Portuguese writing. This study aims to analyze the ideas present in João de Barros' intellectual production.

Keywords: Humanism; João de Barros; Historiography; Discovery; Expansion.

INTRODUÇÃO

O objetivo da pesquisa foi o estudo da história tal como foi praticada por João de Barros, no século XVI, a serviço da monarquia portuguesa, e com o fim de salvaguardar a memória dos feitos lusitanos nas viagens de expansão e conquistas.

Com isso, dada a grande extensão da obra, optamos pelo estudo do prólogo, mais precisamente, o “prólogo da terceira década”, seja pelo alongado desenvolvimento que o texto apresenta, seja pela função teórica que cumpre na arquitetura do livro. Em vista disso, buscamos verificar e evidenciar os procedimentos e aspectos do ofício do historiador preconizado por João de Barros, analisando as justificativas, os interesses (políticos e éticos) e as objeções propostas pelo letrado, ao tratar da escrita do discurso da história.

A *Ásia* de João de Barros figura como obra primordial dos feitos da expansão portuguesa no século XVI. Seguindo o modelo de historiadores greco-latinos, sobretudo Suetônio, o livro é subdividido em décadas e, com essa disposição do tempo e das matérias, ordena a narração dos feitos, dos dizeres e dos tipos tratados. Antes da primeira e da terceira década, há os prólogos nos quais encontramos considerações sobre o ofício do historiador e as funções da história. Dos dois prólogos, optamos por estudar o da terceira década pelas razões há pouco mencionadas. Para tanto, detivemo-nos ao texto, buscando explicitar as doutrinas da história que nortearam a composição da obra de João de Barros. Seria impossível escrever a história de Portugal no século XV e XVI sem deslumbrar a expansão ao mar e, portanto, há uma relação indissociável entre a cultura portuguesa do século XVI e os seus feitos no mar.

MATÉRIAS E MÉTODOS

O objeto do estudo é o prólogo da terceira *Década de Ásia*. Optamos pela leitura da edição de 1563, a primeira edição da obra, publicada em vida de João de Barros e realizada pelo impressor régio João da Barreira, em Lisboa. Como texto de apoio, utiliza-se a edição da Terceira Década de Ásia de Hernani Cidade, de 1946.

A metodologia consistiu na leitura pormenorizada das fontes e no estudo da bibliografia pertinente. No caso do prólogo, com a verificação, ordenamento

e explicitação das ideias do texto, com o fim de denotar certa “arte” (no sentido antigo de técnica) de escrita da história. Num segundo momento, realizamos a seleção de passagens da Terceira Década para a verificação dos aspectos preconizados no prólogo do livro.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O resultado do nosso esforço inicial foi a transcrição do prólogo, com leitura interpretativa na qual houve o desenvolvimento das abreviaturas e a manutenção do máximo possível das características do texto, sem prejudicar a legibilidade linguística plena do texto.

Quanto às preceptivas, há uma relação intrínseca entre a escrita da história e a formação do Estado nacional moderno. No caso de João de Barros, não podemos perder de vista uma figura que marcou a idade moderna: o homem de corte e as dinâmicas culturais envolvidas. Antes de tudo, o historiador era também um experimentado letrado, a serviço da coroa e do estado. No caso particular de João de Barros, ele se encontra desde a infância a serviço da Casa Real portuguesa, exercendo a função de moço de câmara do príncipe D. João, o futuro rei D. João III.

Com isso, desde os vinte anos até a morte, Barros, entre uma função administrativa e outra, vai publicar uma série de obras relevantes a serviço da Casa Real, das quais os livros de história despontam como sua obra mais conhecida.

CONCLUSÃO

O prólogo da terceira Década de Ásia, publicado em 1563, apresenta uma exposição sobre a relação entre os historiadores e a escrita da história. Nesse debate, há uma ênfase nas considerações sobre as relações do historiador e a vida pública dos príncipes, reis e rainhas. Barros destaca o papel fundamental da história como saber necessário, sem o qual haveria “estado de confusão”. Portanto, dadas as circunstâncias e interesses de época, a história assume uma função bem diversa daquela que conhecemos mais recentemente. Ou seja, ela está a serviço da monarquia, com fins éticos e

morais bem marcados, além da propaganda dos valores e princípios de estado. Para tanto, o letrado compõe um breve tratado, em que expõe as diretrizes dos livros de história e os deveres dos historiadores, os quais, segundo Barros, devem abdicar dos próprios interesses em favor da história e da pátria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, João de; LAVANHA, João Baptista. *Ásia de João de Barros: Dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente*. Lisboa, Portugal: Germão Galharde, 1552.